

# Ethos de resistência jornalística na imprensa alternativa durante a ditadura militar brasileira: estudo dos depoimentos em *Resistir é Preciso*<sup>1</sup>

Leopoldo Pedro Neto<sup>2</sup>

Marcos Paulo da Silva<sup>3</sup>

## Resumo

O artigo pretende compreender como os jornalistas que realizaram oposição à ditadura militar brasileira (1964-1985) no escopo da imprensa alternativa se relacionaram com o campo jornalístico e com os mecanismos de repressão do período autoritário em questão. Parte-se do princípio de que esses agentes compartilhavam um *ethos* de resistência jornalística em contraposição às posições dominantes do campo. O corpus analítico é composto por seis depoimentos fornecidos ao projeto *Resistir é Preciso*, iniciativa do Instituto Vladimir Herzog. Do ponto de vista teórico, vale-se das categorias de *ethos*, campo e capital oriundas da proposta sociológica de Pierre Bourdieu. Procurou-se a partir dos relatos memorialísticos identificar categorias de análise. Infere-se que o *ethos* desses agentes pode ser analisado sob a ótica de quatro categorias: 1) Sentimento de insuficiência com a imprensa convencional; 2) Disposição contestatória; 3) Oposição à estrutura organizacional tradicional do jornalismo; e 4) Estratégias comunicacionais de enfrentamento e burla.

Palavras-chave: Campo Jornalístico. Ditadura Militar Brasileira. Imprensa Alternativa. Ethos. Resistir é Preciso.

## Ethos of journalistic resistance in the alternative press during the Brazilian

<sup>1</sup> Uma versão preliminar do artigo foi apresentada no 19º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), realizado de forma virtual em novembro de 2021. A pesquisa foi realizada com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

<sup>2</sup> Doutorando em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). E-mail: leeeoneto28@gmail.com

<sup>3</sup> Professor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Doutor em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), com estágio de doutorado-sanduíche na Syracuse University (Estados Unidos). Realizou estágio de pós-doutorado na Michigan State University (Estados Unidos) com bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: marcos.paulo@ufms.br.

## military dictatorship: a study of the testimonies in *Resistir é Preciso*

### Abstract

The article intends to understand how journalists who opposed the Brazilian military dictatorship (1964-1985) through the alternative press maintained relationships with the journalistic field and with the mechanisms of repression of the authoritarian period in question. It is assumed that these agents shared an ethos of journalistic resistance in opposition to the field's dominant positions. The analytical corpus consists of six testimonies provided to the project *Resistir é Preciso*, an initiative of the Vladimir Herzog Institute. From a theoretical point of view, the study uses the categories of ethos, field and capital from Pierre Bourdieu's sociological proposal. From the memorialistic testimonies, we tried to identify categories of analysis. It is inferred that the ethos of these agents can be analyzed from the perspective of four categories: 1) Feeling of inadequacy with the conventional press; 2) Contesting provision; 3) Opposition to the traditional organizational structure of journalism; and 4) Communication strategies of confrontation and deception.

Keywords: Journalistic field. Brazilian Military Dictatorship. Alternative press. Ethos. *Resistir é Preciso*.

### Para situar o debate

Conforme enfatiza Bernardo Kucinski (2018), o fenômeno da imprensa alternativa brasileira durante a ditadura militar (1964-1985) representa muito mais do que uma organização social de resistência; trata-se, sobretudo, de um modelo ético-político de sociedade (KUCINSKI, 2018). Entre os anos de 1964 e 1980, cerca de 150 periódicos tiveram como característica o caráter contestatório ao poder estabelecido pelos militares com apoio das burguesias nacional e internacional. Nessa conjuntura, embora possa se mapear distintas propostas editoriais e político-ideológicas no interior do fenômeno mais amplo, um conjunto de elementos encontra terreno comum nos diferentes veículos alternativos do período, notadamente a “restauração da democracia”, o “respeito aos direitos humanos” e a “crítica ao modelo econômico”, como também uma tentativa de novas formas de organização editorial-financeira (KUCINSKI, 2018, p. 11).

Ancorado no panorama histórico apresentado por Kucinski (2018) e no método da análise de relatos memorialísticos, o presente artigo – fruto de uma pesquisa mais ampla em nível de pós-graduação (PEDRO NETO, 2020) – propõe-se a compreender sob a ótica

da sociologia bourdieusiana como os jornalistas da imprensa alternativa se relacionaram com o campo jornalístico e com os mecanismos de repressão política da ditadura militar brasileira. Para tanto, volta-se ao estudo dos depoimentos dos jornalistas Elmar Bones (*Coojornal*), Maria Rita Kehl (*Movimento* e *Em Tempo*), Omar 'Matico' de Barros Filho (*Versus*), Raimundo Pereira (*Movimento*, *Amanhã* e *Opinião*) e Ziraldo Alves Pinto (*O Pasquim*), além do próprio Bernardo Kucinski (*Movimento*, *Amanhã* e *Em Tempo*), fornecidos ao projeto *Resistir é Preciso*<sup>4</sup>, iniciativa memorialística do Instituto Vladimir Herzog realizada entre os anos de 2009 e 2010. O critério de seleção se baseou na relevância que os jornalistas tiveram nos periódicos escolhidos a partir da ocupação de cargos proeminentes, tais como editores-chefes, cofundadores ou membros com destaque em suas disputas internas.

Quadro 1 – Relação dos jornalistas analisados

Depoimento	Jornais onde atuou	Duração do depoimento
Bernardo Kucinski	<i>Opinião, Movimento, Em Tempo</i>	2'06''59'''
Elmar Bones	<i>Coojornal</i>	2'58''55'''
Maria Rita Kehl	<i>Movimento, Em Tempo</i>	1'05''
Omar de Barros Filho	<i>Versus</i>	1'57''31'''
Raimundo Pereira	<i>Opinião e Movimento</i>	3'39''33'''
Ziraldo Alves Pinto	<i>O Pasquim</i>	38''16'''

Fonte: Quadro elaborado com base nos arquivos fornecidos pelo Instituto Vladimir Herzog.

Compreende-se, numa perspectiva bourdieusiana, que o *ethos* constitui um conjunto de disposições, de valorações e de percepções que os agentes possuem de si, como também do mundo social; trata-se de uma dimensão do *habitus*<sup>5</sup>, que contém a

<sup>4</sup> *Resistir é Preciso* se insere no panorama mais amplo do Instituto Vladimir Herzog e de sua legitimidade em relação à discussão sobre a ditadura militar no Brasil. O projeto se propõe a recuperar a memória da resistência cultural e política da imprensa alternativa contra o regime autoritário. Em sua totalidade, a iniciativa se divide em quatro subprojetos complementares – dois livros, uma exposição e um teledocumentário homônimo, exibido pela TV Brasil –, sendo a internet sua principal plataforma de divulgação. No site [www.resistirepreciso.org.br](http://www.resistirepreciso.org.br) estão organizadas as principais informações sobre a iniciativa. A seção “Protagonistas Desta História” possui depoimentos e uma pequena biografia de sessenta jornalistas, intelectuais e militantes políticos que atuaram no campo jornalístico no combate à ditadura-militar. É a partir dos depoimentos concedidos ao documentarista Ricardo Carvalho e posteriormente utilizados na edição do teledocumentário que se realiza a análise empírica deste trabalho. Todavia, embora na página da iniciativa estejam disponibilizados os depoimentos editados, os mesmos foram disponibilizados na íntegra para a realização desta pesquisa. São, ao total, 38 entrevistas que variam em tempo de duração entre duas e quatro horas – totalizando 78' 24'' 16''' no geral, cerca de 78 horas ou três dias.

<sup>5</sup> Por opção metodológica decorrente das limitações de espaço intrínsecas do artigo, este trabalho não irá se debruçar sobre o conceito bourdieusiano de *habitus* em sua totalidade tal como na pesquisa mais

autoimagem dos agentes e orienta tanto suas representações, como as regularidades de suas práticas (BOURDIEU, WACQUANT, 2008; BOURDIEU, 2009). No que tange à imprensa alternativa no Brasil durante a ditadura militar, a pesquisa trabalha com as definições apresentadas por Bernardo Kucinski (2018), Cicilia Peruzzo (2006) e Maria Aparecida de Aquino (1999). Em termos gerais, entende-se de antemão a imprensa alternativa como um modelo que se demarca no campo jornalístico do período em questão como alternativo à imprensa convencional – esta, de caráter liberal-empresarial<sup>6</sup>.

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa se ampara em duas etapas: 1) a primeira tem por objetivo apresentar elementos empíricos que ilustrem as relações objetivas do campo jornalístico durante a ditadura militar brasileira; e 2) a partir da análise individual dos relatos memorialísticos, busca-se aportar em categorias de análise com o propósito de entender as disposições e as representações de cada agente cujo relato memorialístico é colocado em crivo<sup>7</sup>. Por conseguinte, com as análises de caráter singular, realiza-se a comparação entre as categorias mobilizadas nos diferentes depoimentos com a intenção de extrair as particularidades comuns entre as distintas singularidades desses agentes.

Para efeitos analíticos, a partir dos depoimentos, foram identificadas categorias que, articuladas, visam fornecer indícios de um *ethos* de resistência jornalística no período de exceção em pauta; a saber: a) o sentimento de insuficiência com a imprensa convencional; b) a disposição contestatória; c) a oposição à estrutura organizacional tradicional do jornalismo; e d) a mobilização de estratégias comunicacionais de enfrentamento e burla.

---

ampla que dá origem ao trabalho, tendo em consideração que se trata de uma concepção complexa que, em termos empíricos, exige rigor metodológico e, por conseguinte, carece de espaço para sua verticalização. Opta-se, assim, por uma de suas três dimensões constituintes ao lado da *hexis* e do *eidos*: a noção bourdieusiana de *ethos*. A ideia de *ethos* enquanto conjunto de disposições e de valores de um grupo de agentes, que orienta suas auto-representações e suas visões sobre o mundo social, mostra-se mais pertinente enquanto chave-explicativa para o objeto em questão.

<sup>6</sup> Ressalta-se que a categoria "imprensa alternativa" trabalhada neste texto tem sua validade operacional demarcada na historicidade dos periódicos que atuaram durante a ditadura militar brasileira. Tal constatação não invalida ou conflita com o fato de que existam outras conceitualizações contemporâneas para descrever os novos fenômenos comunicacionais e jornalísticos alternativos ao padrão dominante – o que também é não raramente denominado de "jornalismo alternativo". Ver: Figaro (2018)

<sup>7</sup> Opta-se no artigo pelo recorte das categorias particulares sistematizadas a partir dos relatos memorialísticos estudados. Em razão das limitações de espaço do artigo, as análises e as categorias das trajetórias singulares não serão objeto específico de análise. Um estudo verticalizado dos depoimentos de cada agente selecionado pode ser conferido em: Silva e Pedro Neto (2021); Pedro Neto (2020).

Em um vértice conceitual, no que tange ao tensionamento praxiológico entre objetividade e subjetividade inscrito nas análises, entende-se que as relações entre agentes jornalistas na ditadura militar brasileira são permeadas por uma memória coletiva na qual as vivências do passado constroem um sentido de unidade entre grupos (HALBWACHS, 2006). Nesse sentido, argumenta Maurice Halbwachs (2006):

Nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembranças pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos conosco sempre em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem (HALBWACHS, 2006, p. 30).

Esses relatos memorialísticos subjetivos socializados estão estruturados nas condições sociais do campo jornalístico e podem ser compreendidos como modos de ser e estar no mundo social, sistematizados pela teoria bourdieusiana como um *ethos*, “um aprendizado determinado de regularidades objetivas” responsável por orientar as condutas práticas dos agentes (BOURDIEU, 2013, p. 55). Entende-se que as regularidades desses agentes no campo enquanto história vivida constituem memórias que legitimam um *ethos* de resistência jornalística à ditadura militar brasileira – memórias, estas, apreendidas nos depoimentos analisados (HALBWACHS, 2006; BOURDIEU, 2013; KUCINSKI, 2018).

### **A imprensa alternativa no campo jornalístico durante a ditadura**

No horizonte desta pesquisa, para se discutir como o grupo de agentes estudados é condicionado por um *ethos*, mostra-se importante refletir sobre as relações mais amplas do campo jornalístico como espaço estruturado e estruturante de trocas simbólicas. Para Bourdieu (2009; 2019), um campo é metodologicamente uma ferramenta de construção de pesquisa que tem por objetivo compreender as relações de poder, de dominação e as práticas de um conjunto de agentes e instituições. Operar com a categoria em questão implica, assim, a mobilização de um pressuposto analítico de fundo: todo campo social é um campo de forças, no qual diversos agentes dotados de um *quantum* de capital disputam pela manutenção (ortodoxia) ou subversão (heterodoxia) das regras legitimadas.

Compreende-se, nesse ínterim, o campo jornalístico como um espaço próprio de disputas de interesse entre outros campos devido ao seu capital simbólico de difusão pública de informações (BOURDIEU, 1997). Todavia, nas especificidades do processo de economia das trocas simbólicas da sociedade brasileira durante a ditadura militar, a representação crítica da realidade operada pelo jornalismo, calcada na credibilidade de seu capital simbólico e responsável por nomear e tornar públicos acontecimentos, ancorase historicamente na contramão dos interesses do projeto de desenvolvimentismo capitalista autoritário liderado pelos militares brasileiros a partir de 1964 com apoio das burguesias nacional e internacional (MELLO; NOVAIS, 1998; NAPOLITANO, 2018; KUCINSKI, 2018).

Nesse panorama, o campo jornalístico nacional, a partir da década de 1970, passou a sofrer com a censura sistemática e muitos jornais se aparelharam ao projeto de poder dominante. Embora nos primeiros anos da ditadura, entre 1964 e 1968, a censura à imprensa ainda não tivesse adquirido o caráter sistemático que passou a ter após o AI-5, uma das principais tensões no campo jornalístico voltou-se ao fechamento de espaços públicos, como a imprensa, as universidades e as artes. Kucinski (2018) reitera o aparelhamento da imprensa convencional à lógica do regime: “Estabelecida a relação de complacência recíproca entre o regime e as empresas jornalísticas, não foi preciso generalizar a censura prévia como instrumento de controle da informação” (KUCINSKI, 2018, p. 79).

Marcos Napolitano (2018), por seu turno, argumenta que no processo de endurecimento do regime (1968-1974), ocasionado por um conjunto complexo de fatores, como a insurgência da guerrilha armada e a sua aproximação com setores do movimento estudantil e operário, um aparato sustentado no tripé vigilância-censura-repressão emergiu de maneira intensa. Define-se, aqui, a censura política no plano da imprensa escrita como o processo repressivo de caráter institucionalizado pelo Estado brasileiro com objetivos claramente políticos – ou seja, o veto da produção e da disseminação jornalística no plano coletivo calcada na contrariedade dos interesses da ditadura militar e, conseqüentemente, em sua deslegitimação no plano simbólico. Trata-se de um processo político de caráter complexo, multifacetado e não-monolítico – embora sempre demarcado pela violência simbólica – que se manifestou de diferentes maneiras em distintos veículos entre 1968 e 1978 (AQUINO, 1999; FICO, 2015; NAPOLITANO, 2018; KUCINSKI, 2018).

Por outro lado, inscritos no espaço social composto no plano da resistência cultural, junto a outros aparatos de construção simbólica que também efetuaram suas contestações, os jornalistas utilizaram a imprensa escrita como plataforma de crítica ao projeto perpetuado pelo golpe e pela conseqüente ditadura a partir de uma variedade de propostas editoriais, estéticas e de diversidade nos âmbitos regional e ideológico (AQUINO, 1999; KUCISNKI, 2018; NAPOLITANO, 2018). Peruzzo (2006) argumenta, nesse contexto, que um grupo de agentes do campo demonstrou um desalinhamento em relação ao modelo tradicional. A autora compreende as práticas alternativas em tal conjuntura como “o tipo de imprensa não alinhada à linha da mídia tradicional, então sob a batuta do regime militar no Brasil” (PERUZZO, 2006, p. 7) em um contexto histórico no qual a “maioria dos grandes jornais se alinhava à visão oficial do governo, por opção político-ideológica ou pela coerção, sob a força da censura”. Para a Peruzzo (2006, p. 7), “a imprensa alternativa representada pelos pequenos jornais, em geral com formato tabloide, ousava analisar criticamente a realidade e contestar um tipo de desenvolvimento”. Os veículos eram “dirigidos e elaborados por jornalistas de esquerda, alguns ligados à pequena burguesia, que, cansados do autoritarismo, aspiravam um novo projeto social” e tinham por objetivo “informar a população sobre temas de interesse nacional numa abordagem crítica” (PERUZZO, 2006, p. 7).

Por sua vez, Kucinski (2018) resume o significado desse modelo de imprensa: não estava ligada às políticas dominantes e servia como uma alternativa entre duas coisas reciprocamente excludentes – a ditadura militar e a imprensa convencional. Nesse sentido, o modelo se colocava como horizonte para a situação difícil do período, assim como expressava o desejo das gerações dos anos de 1960 e 1970 de protagonizar as transformações sociais nas quais acreditavam. Em um cenário nacional, o fenômeno possui demarcação evidente no tempo, “como outros surtos na história do nosso jornalismo, entre os quais o dos pasquins irreverentes e panfletários do período da regência, que atingiu o seu apogeu em 1830, com cerca de cinquenta títulos” e, também, “os jornais anarquistas de operários, meio século depois (1880-1920), com quase quatrocentos títulos” (KUCISNKI, 2018, p. 19). Similarmente, nos três períodos históricos, os jornais eram dirigidos à sociedade civil assim como às classes subalternas e afirmavam posição crítica ao Estado.

As contribuições de Maria Aparecida de Aquino (1999, p. 122) se inserem na sistematização dos principais elementos da imprensa alternativa e da imprensa

convencional – uma divisão que passa a tensionar o campo jornalístico entre os anos de 1960 e 1980, com maior intensidade na década de 1970. Para a historiadora, a imprensa convencional “organiza-se em torno dos princípios do liberalismo, estruturando-se como uma empresa capitalista que pode atingir pequeno, médio e grande porte (e, nesse caso, é chamada de grande imprensa)”. Por se orientar pelo ideal liberal, esse modelo de imprensa se vale de uma “suposta defesa da imparcialidade na apuração dos fatos” e, nesse bojo, diferencia dois tipos básicos de jornalismo: o “informativo (artigos e reportagens com a presença apenas de descrição dos eventos)” e o “opinativo (os editoriais e as matérias assinadas), considerados como expressão da opinião do grupo representante do periódico ou de seu autor em particular”. Além disso, o modelo financeiro da imprensa convencional é estruturado principalmente por anunciantes, sendo “somente uma pequena parcela de seus recursos que deriva das vendas em bancas e assinantes”. Aquino (1999, p. 122) também reitera que no nível de produção de informações, a imprensa convencional se utiliza do esquema de organização industrial e da aquisição de notícias internacionais de grandes agências.

Em contrapartida, a imprensa alternativa do período “ocupa, de variadas formas, o espaço deixado pelo tipo de imprensa que segue o modelo convencional” (AQUINO, 1999, p. 122). Segundo Aquino (1998), em quesitos organizacionais, tal modelo pode se estruturar de duas maneiras: em termos empresariais, como o caso do jornal *Opinião*, que foi pertencente deputado e empresário Fernando Gasparian<sup>8</sup>, bem como a partir da propriedade coletiva, composta por um grupo de jornalistas e também de representantes de diferentes grupos sociais. A imprensa alternativa não se propõe neutra, imparcial tal qual a imprensa de caráter liberal, “assumindo-se a serviço da defesa de interesses de grupos como, por exemplo, partidos, sindicatos, associações, minorias raciais e sexuais, e mesmo entidades religiosas” (AQUINO, 1999, p. 122).

Fizeram parte deste movimento os jornalistas Bernardo Kucinski, Elmar Bones, Maria Rita Kehl, Omar Matico, Raimundo Pereira e Zivaldo Alves Pinto, cujos depoimentos ao projeto *Resistir é Preciso*, do Instituto Vladimir Herzog, constituem o recorte empírico deste estudo.

---

<sup>8</sup> Fernando Gasparian (1930-2006) foi um empresário brasileiro. Gasparian era dono de uma marca têxtil, a *Companhia América Fabril*. Ele fazia parte de uma pequena fração da burguesia nacional que tinha um projeto nacionalista e anti-golpista para o Brasil, sendo um dos poucos membros da classe dominante a se opor ao golpe em 1964.

### **Sobre o *ethos* de resistência jornalística: inferências**

Ao retomar a passagem na qual Kucinski (2018) – como intelectual, mas também como agente do campo – lança luz sobre os valores culturais compartilhados pelos profissionais que trabalharam na imprensa alternativa durante a ditadura militar, algumas características comuns podem ser elencadas:

Os protagonistas da imprensa alternativa dos anos de 1970 constituíam, assim, uma subcultura que distinguia o grosso dos jornalistas e intelectuais por sua disposição contestatória, propensão ao ativismo, intransigência intelectual e, em certa medida moral, afinidade com os motivos ideológicos que moviam os ativistas políticos (KUCINSKI, 2018, p. 34).

Nesse contexto de identificação de disposições comuns, a partir da análise dos depoimentos registrados pelo Instituto Vladimir Herzog, a pesquisa permite apontar em quatro categorias voltadas à edificação de um *ethos* jornalístico de resistência na ditadura militar brasileira – tema dos próximos tópicos.

13

### **Categoria 1: Sentimento de insuficiência quanto à imprensa convencional**

No escopo dos depoimentos concedidos ao projeto *Resistir é Preciso* que conformam o objeto de análise deste artigo, com exceção de Maria Rita Kehl, que incorporou seu *ethos* de resistência jornalística essencialmente a partir da experiência em veículos alternativos (*Movimento* e *Em Tempo*), todos os demais jornalistas estudados passaram a atuar na imprensa alternativa devido ao descontentamento com os periódicos tradicionais – isto é, com base em uma insatisfação com mecanismos como a autocensura (AQUINO, 1999; KUCINSKI, 2018) e a aparelhagem dos veículos convencionais à lógica do regime. Dessa forma, o exercício de um jornalismo crítico – no sentido de possibilitar que os profissionais tivessem um leque e opções para escolher suas pautas e reportagens – passou a ser comprometido no interior do modelo convencional e as oportunidades de realização do ofício, em consequência, foram prejudicadas. O espaço de experimentação técnica e estética que a imprensa alternativa possibilitou ao campo permitiu a diversos jornalistas uma nova oportunidade de praticar o jornalismo de maneira crítica à ditadura estabelecida, ao sistema econômico e às violações aos direitos humanos (KUCINSKI, 2018) – em outras palavras, culminou no estabelecimento de uma postura ético-política propriamente dita.

Um exemplo no âmbito dos relatos memorialísticos estudados que explicita a categoria analítica em questão pode ser localizado nas falas dos jornalistas Bernardo Kucinski e Raimundo Pereira. Em termos ilustrativos, Kucinski relata que durante seu período de trabalho na revista *Veja*, ao lado de Pereira, ocupou-se da elaboração de um dossiê que criticava as violações aos direitos humanos por parte do governo Médici (1969-1974). De acordo com o agente, a repercussão do material foi imediata, com uma reação classificada pelo agente como “muito pesada”, levando ambos os jornalistas a deixar o periódico em busca de novos projetos:

Essas matérias, duas capas sobre as torturas, que tiveram pleno apoio do Mino Carta [editor da revista] e foi uma coisa importante, nos permitiu também fazer um dossiê enorme. Raimundo soltou os cachorros no Brasil todo, os repórteres, usou toda aquela máquina da Abril. Ele era muito esperto e o pretexto que ele usou é de que iríamos entregar um dossiê ao presidente. O [Emílio Garrastazu] Médici tinha dado uma declaração infeliz no Rio de Janeiro a um repórter, dizendo que o presidente não admite torturas. Então nós usamos essa declaração dele: “ah, não admite? Então vamos ajudá-lo a não permitir isso”. E, com isso, soltamos os cachorros e fizemos realmente um dossiê e isso virou aquelas duas capas. Só que nós estamos num momento de aprofundamento da repressão, do projeto militar e não de esvaziamento. A reação às duas capas foi muito pesada e criou-se uma situação que nós tínhamos que sair da revista. (KUCINSKI, 2010)<sup>9</sup>

14

Por seu turno, Raimundo Pereira estabelece em seu depoimento sobre a experiência nos periódicos *Movimento*, *Amanhã* e *Opinião* a crítica à falta de espaço na imprensa convencional ao exercício da profissão – esta submetida aos interesses do Estado:

A censura havia sido aceita pelos grandes meios de comunicação. Com exceção de O Estado de S. Paulo que resistiu à censura, com exceção da Revista *Veja* num determinado momento quando o Mino Carta dirigia, o resto da imprensa aceitou a censura. Os gerais e seus representantes mandavam os bilhetinhos ou os telefonemas e eles já cumpriam. (PEREIRA, 2010)<sup>10</sup>

Censura, autoritarismo, violação aos direitos humanos e um projeto de desenvolvimento econômico autoritário. Todas essas características podem ser notadas na ditadura militar brasileira. De outra parte, os jornalistas que buscavam nos espaços

<sup>9</sup> BK [16:39- 17:55].

<sup>10</sup> RP [1:16-1:39].

alternativos de resistência uma instância de crítica à legitimidade simbólica do regime – aqui exemplificados por Bernardo Kucinski e Raimundo Pereira – compartilhavam um capital simbólico de descontentamento com a ordem estabelecida, foco da próxima categoria em debate.

### **Categoria 2: Disposição contestatória**

O capital simbólico que incomodava os profissionais que não se identificavam com o projeto político proposto pela ditadura pode ser caracterizado – com base nos depoimentos estudados – como uma disposição (no sentido bourdieusiano do termo) contestatória. Ou seja, em um período de autoritarismo do aparelho de Estado, tais agentes sociais incorporaram o sentimento de indignação e buscaram entrar nas lutas simbólicas de deslegitimação desse projeto em um *locus* específico: o universo da imprensa alternativa. Nas construções argumentativas identificadas no escopo memorialístico do projeto *Resistir é Preciso*, desvela-se um ponto de vista segundo o qual tal disposição apresentava-se como “natural” e que se tratava da “única alternativa a se buscar” no período.

Nesse sentido, por exemplo, ao relatar a radicalização pela qual o periódico *Versus* passou, o jornalista Omar Matico materializa a tendência contestatória do grupo ao repercutir sua visão de militância e de luta para a implementação de um projeto socialista e revolucionário de imprensa:

Nessa transição, eu acabo entrando para uma realidade clandestina, ligada à Quarta Internacional, Liga Operária (...). Eu achava que a forma mais completa de um militante contribuir para um processo no Brasil de redemocratização, revolucionário, para a implementação do socialismo, era militar num partido. Os partidos eram clandestinos, eu acabei entrando (...) escolhendo a Liga Operária onde eu fui trabalhar como jornalista, digamos (...). Fazia o trabalho de militância, meu campo de militância era o *Versus*, porque era um espaço legal, construído e conquistado duramente na ditadura. Podia eventualmente expressar aquilo que eu considerava o programa adequado para o Brasil. (BARROS FILHO, 2010)<sup>11</sup>

Semelhantemente, tal disposição pode ser identificada no depoimento de Zivaldo Alves Pinto. Ao discutir seu processo de amadurecimento político como ilustrador –

---

<sup>11</sup> OBF [26:39- 27:42].

dinâmica tensionada fortemente a partir do AI-5 – o jornalista reforça essa dimensão no contexto de sua trajetória em *O Pasquim*:

Eu não sei o que seria da minha vida se não tivesse atravessado esses anos de fundo sem participar da resistência, entendeu? Porque uma grande quantidade de jornalistas tem uma certa tristeza de não ter tido coragem. Tem uma certa, assim... uma certa implicância com a gente, porque, de qualquer maneira, para todos os efeitos a gente foi para os externos corajosos, a gente botou o da gente na seringa. A gente foi lá e disse: “não concordo com essa merda!”. A gente foi! Agora, não tem heroísmo nenhum nisso, isso é da natureza da pessoa... Todos os cartunistas do mundo, desde a invenção da imprensa, desde os franceses, os ingleses e tudo mais, sempre passaram o riso em volta do tirano. Quer dizer, a gente tinha mais ou menos isso, (...) era um sentimento de que a gente não podia ficar fazendo cartum. (ALVES PINTO, 2010)<sup>12</sup>

As marcas simbólicas de um *ethos* jornalístico de resistência ganham contornos mais visíveis quando Ziraldo explicita seu ponto de vista de que alguns pares do campo profissional não concordavam com o projeto arquitetado pela ditadura por ser “da natureza da pessoa”, embasando sua perspectiva no repertório cultural histórico da profissão (em especial, dos cartunistas). Ademais, em um panorama de contestação e de insatisfação com um campo que se via cada vez mais aparelhado junto ao Estado, ascendia-se a criação de estruturas democráticas que visavam propor alternativas ao modelo estrutural-organizacional dominante de comunicação do período – abordagem da próxima categoria.

16

### **Categoria 3: Oposição à estrutura organizacional tradicional do jornalismo**

Do ponto de vista inferencial, todos os profissionais cujos depoimentos ao projeto memorialístico do Instituto Vladimir Herzog são alvo de análise neste artigo manifestaram uma disposição de enfrentamento à estrutura organizacional tradicional do jornalismo e sublinharam o caráter de assembleia ou de grandes discussões no qual se baseavam as reuniões de seus respectivos periódicos. Um exemplo significativo é rememorado no escopo do periódico *Opinião*, em especial a partir dos tensionamentos relatados entre Raimundo Pereira e o empresário Fernando Gasparian, que resultou em um racha no grupo e na subsequente criação do jornal *Movimento*. Nas memórias registradas pelo

<sup>12</sup> Ziraldo [34:51- 35:58].

projeto *Resistir é Preciso*, destaca-se a busca pela construção da autonomia na produção do jornal sem a interferência de um chefe e a proposição de um “jornal dos jornalistas”. Em sentido consonante, ressalta-se também a crítica que Bernardo Kucinski, em seu depoimento, estabelece às problemáticas dos *Ensaios Populares*, editoriais do *Opinião* redigidos ocultamente por Duarte Lago Pacheco Pereira<sup>13</sup>, inseridos no veículo a partir de uma suposta postura não democrática de Raimundo Pereira. Essa circunstância evolui para um racha das esquerdas jornalísticas do veículo e origina o *Em Tempo*, periódico que buscava construir uma frente de jornalistas ao invés de realizar uma frente de grupos políticos, como ocorria no *Opinião*, mudando a forma de representação dos cargos decisórios.

De sua parte, Maria Rita Kehl rememora que nas reuniões de pauta do *Movimento* sofria estranhamentos por parte dos membros da esquerda mais ortodoxa em razão de seus comportamentos e visões de mundo (que passavam pelo linguajar, pelo consumo cultural e até pelas vestimentas) diferenciadas das práticas comportamentais dominantes do grupo. Já em *O Pasquim*, Ziraldo comenta sobre a maneira como as reuniões de pauta e a forma de organização do jornal tinham caráter livre de obrigações profissionais mais formais. Por fim, Osmar Matico registra que no *Versus* ocorriam grandes discussões durante o processo de produção:

A reunião de pauta do jornal era o momento mais interessante do nosso dia a dia, porque era um mesão, uma mesa grande, muito grande e chegava a ter às vezes quarenta, cinquenta pessoas (...). Era muito duro, porque, claro, nós não tínhamos aprendido a fazer o jornal, não existia uma fórmula para fazer o jornal, ele era todo reinventado a cada edição. Aliás, nós costumávamos dizer que o melhor repórter do *Versus* era o carteiro, porque quando o carteiro batia na porta, ele sempre com alguma colaboração de algum leitor, de algum autor, de algum jornalista que eventualmente tivesse se apaixonado pelo jornal e tinha escrito uma matéria, sem que alguém tivesse pautado. (BARROS FILHO, 2010)<sup>14</sup>

Entretanto, o debate deliberado no qual as articulações realizadas pelos periódicos só poderiam se concretizar a partir de consensos entre os agentes é representado mais visivelmente nas memórias do *Coojornal*, no qual a própria condição de cooperativa

<sup>13</sup> Duarte Lago Pacheco Pereira (1939-) é um intelectual brasileiro. Pereira foi um dos primeiros pensadores a traduzir a obra do filósofo argelino Louis Althusser para o português. Manteve relações com as organizações políticas Ação Popular (AP) e o Partido Comunista do Brasil (PCdoB). Durante muito tempo, Pacheco Pereira orientou Raimundo Pereira na escrita dos editoriais nominados *Ensaios Populares*.

<sup>14</sup> OBF [15:49- 17:13].

construía mecanismos para assegurar que o caráter coletivo pautasse as decisões. Frisa Elmar Bones em seu depoimento:

Olha, eu considero a melhor experiência que eu fiz, tanto que depois dessa experiência do *Coojornal* eu nunca mais consegui voltar para os veículos convencionais. Voltei pontualmente e ficava um tempo assim e começava a me incomodar, certas coisas da imprensa convencional. Então, essa coisa da hierarquia, de cima pra baixo, essa coisa muito rígida. A falta de discussão interna, a falta de democracia interna nas redações. Enfim, certas certezas, assim, das chefias e, sabe, essa divisão do trabalho dentro das redações em que o repórter é uma ponta subalterna e cumpre ordens, né? Tem pouca autonomia, isso sempre, começou a me incomodar essas coisas. (BONES, 2010)<sup>15</sup>

A contraposição dos agentes do campo em relação aos mecanismos tradicionais fica fortemente decalcada nos argumentos mencionados. Desse modo, os jornalistas que demarcavam uma posição alternativa, em um clima no qual o próprio país sofria com falta de espaços de discussão e de circulação de ideias, buscavam democratizar as relações de trabalho e de produção como um reflexo da falta de democracia que assolava o país como um todo. Para manter suas práticas de resistência, por outro lado, os agentes do campo mobilizavam estratégias criativas para resistir à censura e ao aparelhamento, discussão que ganha corpo no próximo tópico.

18

#### **Categoria 4: As estratégias comunicacionais**

Os depoimentos registrados por iniciativa do Instituto Vladimir Herzog colocam em pauta, em diferentes momentos, a questão da complacência que o jornalismo convencional teve com a ditadura, bem como o fato de que a imprensa alternativa – tal qual os poucos jornais tradicionais que ousavam abusar de sua estrutura e de suas limitações para manter uma perspectiva mais contestatória ao regime – sofria com a censura justamente por não adotar o tom passivo em relação ao fechamento das esferas de discussão e de circulação de ideias – o que era o objetivo do projeto de desenvolvimentismo autoritário da ditadura (FICO, 2015; KUNCINSKI, 2018). Para resistir ao acoplamento do campo jornalístico, os agentes cujos depoimentos são aqui estudados ressaltam a busca por mecanismos de enfrentamento e burla. Em termos conceituais, o *ethos* é responsável por estruturar um conjunto de valores e de crenças de um grupo que se enraíza em um sistema de disposições estruturadas e estruturantes, isto é, o *habitus*

<sup>15</sup> EB [2:03:27- 2:04:16].

(BOURDIEU, 2009; BOURDIEU, WACQUANT, 2008). Especificamente na dimensão do *ethos*, de caráter moral, mostra-se possível entender os interesses desse grupo e as estratégias que busca para obtê-los.

Num vértice analítico, o quadro abaixo sistematiza as ações que configuram estratégias comunicativas de enfrentamento e de burla dos jornalistas estudados:

Quadro 2 – Estratégias de resistência dos jornalistas

Agente	Estratégia
Bernardo Kucinski ( <i>Movimento</i> )	Escrever de maneira difícil com objetivo de cansar os censores
Bernardo Kucinski e Raimundo Pereira ( <i>Amanhã</i> )	Evitar a localização do jornal em uma sede bem situada para a repressão ter dificuldade de encontrar seus organizadores
Elmar Bones, Omar Matico e Raimundo Pereira ( <i>Coojornal, Versus e Opinião, respectivamente</i> )	Discutir de maneira indireta ou metáfora algum assunto com objetivo de driblar os censores
Omar Matico ( <i>Versus</i> )	Chamar um deputado de influência na oposição – Fernando Moraes (MDB) – e alguns veículos de comunicação para registrar a atividade dos censores
Ziraldo ( <i>O Pasquim</i> )	Autointitular o jornal com um nome pejorativo para evitar posteriores críticas / Questionar os censores a partir do humor como deslegitimação do <i>ethos</i> autoritário do regime

Fonte: Quadro elaborado pelos autores para as finalidades da pesquisa.

Infere-se, nesse cenário, que os jornalistas que realizavam práticas de resistência não necessariamente racionalizavam sua operacionalização em todos os momentos de constrangimentos e de adaptações às diferentes situações às quais lidavam nos ambientes estruturados pelo campo. Pelo contrário, respondiam por vezes involuntariamente aos problemas cotidianos a partir de valores edificados em um *ethos* de enfrentamento – isto é, a partir da dimensão que mobiliza valores e orienta as estratégias. Desse modo, a sistematização das estratégias comunicativas de resistência calcadas no *ethos* dos agentes propõe-se desvelar no âmbito deste estudo alguns dos principais mecanismos criativos que esses profissionais utilizaram no embate com o processo de censura que sofreram.

### Considerações possíveis

A análise dos depoimentos concedidos ao projeto *Resistir é Preciso*, iniciativa memorialística do Instituto Vladimir Herzog, conduz, no âmbito desta pesquisa, à sistematização de um *ethos* efetivo de resistência jornalística à ditadura militar brasileira. Entende-se, nesse horizonte, que um conjunto significativo de agentes compartilhava – ainda que no interior da heterogeneidade de suas singularidades – disposições, estratégias, práticas e representações comuns no enfrentamento à repressão estatal. Esse movimento no plano simbólico fica evidenciado na identificação de quatro classes de elementos que compõem essa dimensão: 1) o sentimento de insuficiência com a imprensa convencional; 2) a disposição contestatória; 3) a oposição à estrutura organizacional tradicional do jornalismo; e 4) a mobilização de estratégias comunicacionais criativas. Compreende-se que no *lócus* da imprensa alternativa do período, havia disputas e contradições entre diversos agentes; contudo, a pretensão deste texto se trata justamente de extrair as regularidades existentes. Outros trabalhos, com base na pesquisa mais ampla que origina este artigo (PEDRO NETO, 2020), abordaram as lutas simbólicas entre os jornalistas adeptos da contracultura e os de formação marxista (PEDRO NETO, 2020), bem como as diferenças entre visões de jornalismo no escopo da imprensa alternativa (SILVA; PEDRO NETO, 2021). É pertinente notabilizar também, embora não seja escopo deste estudo, que a ação de resistência ao sistema político autoritário não se limitou aos jornalistas nesses espaços denominados alternativos. Inúmeros jornalistas com atuação no período ditatorial em veículos convencionais e da chamada grande imprensa tiveram papel paralelo de proeminência na imprensa alternativa e/ou empenharam-se na contestação nas fissuras do jornalismo tradicional ou ainda se dedicaram à militância política externa ao mundo profissional (FARO, 1999; ALBUQUERQUE; ROXO, 2007).

Em sintonia com Bourdieu (2015), compreende-se que a partir do momento em que as sociedades modernas se tornam complexas, a necessidade de desvelamento dos diferentes universos sociais a partir de seus campos mostra-se essencial para a pesquisa acadêmica devotada à compreensão dos respectivos jogos de força. Disso não escapa, todavia, uma ressalva no âmbito do fenômeno aqui estudado: uma ditadura não tem por objetivo a existência de diferentes universos sociais, posto que visa produzir um pensamento monolítico. Assim, a dominação é mais escancarada e menos disfarçada por construções simbólicas. Em tal lógica, é factível compreender que o poder simbólico dos meios de comunicação e, conseqüentemente, do jornalismo, foi atacado pela repressão

estatal em uma lógica de contradições. A representação da realidade, capital simbólico do jornalismo, estava não raramente na contramão do projeto autoritário ditatorial.

Em última instância, mesmo no interior das limitações intrínsecas do artigo, infere-se que o enfrentamento à ditadura militar dos jornalistas cujos depoimentos foram estudados constituiu-se no período uma prática de resistência pela autonomia de seu próprio campo – o que explica a migração naquele momento de vários profissionais para periódicos alternativos; tema sublinhado na memória coletiva dos agentes décadas depois. Tratava-se de uma resistência, não somente de um ofício, mas de um processo de contestação a todo um modelo de sociedade que se construía. Entende-se que embora não se deva superestimar o caráter de resistência da imprensa alternativa, também não é pertinente para a compreensão do fenômeno subestimar a sua proeminência nas lutas simbólicas e materiais frente ao regime de exceção. Uma vez mais, volta-se ao papel da memória social edificada sobre o período.

Nesse ínterim, destarte imbricadas do ponto de vista prático, o *modus operandi* das quatro categorias analíticas pode ser assim sistematizado:

- 1) A ditadura militar tinha por objetivo modernizar autoritariamente o capitalismo brasileiro. Para ser executado, o projeto se valeu – em diferentes modos, não necessariamente de forma homogênea – da repressão política de seus oponentes. Nesse panorama, se insere o jornalismo por ser dotado de capital simbólico de credibilidade a partir de um complexo processo de representação da realidade.
- 2) Os agentes da imprensa alternativa se dispõem em um espaço diferente do campo em relação aos jornalistas dos veículos convencionais, pois se encontravam insatisfeitos – a partir do momento em que a imprensa tradicional adere à autocensura – com um modelo de jornalismo que se tornava cada vez mais fechado e aparelhado junto ao regime.
- 3) Em um cenário de indignação com o projeto desenvolvimentista autoritário do capitalismo brasileiro operacionalizado pelos militares, bem como com a violação a um projeto de democracia e aos direitos humanos, tais agentes que possuíam tendências de contestação procuraram espaços de produção simbólica com o interesse de realizar práticas de resistência à ditadura militar brasileira.
- 4) A oposição a um espaço tradicional de produção da imprensa também fez com que esses profissionais buscassem novas maneiras de fazer e pensar o

jornalismo. Dentre as diversas propostas, um valor comum identificado nos depoimentos estudados remete à reflexividade e à crítica frente à estrutura de produção e de discussão dos periódicos.

- 5) Para cumprir os seus interesses em um período no qual o tripé repressão-censura-vigilância se intensificou, ocorreu a necessidade por parte desses profissionais – estruturados em seu conjunto de valores e de crenças – de utilização de estratégias de comunicação criativas para burlar a censura, lidar com as prisões, ameaças e outras formas de coerção.

O *ethos* jornalístico de resistência, portanto, instaura-se como um conjunto de disposições, de práticas e de representações dos jornalistas que atuaram na ditadura militar brasileira com objetivo de manter a autonomia de seu campo e de evitar aparelhamento dos diferentes universos sociais por um discurso autoritário. Para isso, os agentes prezavam por valores compartilhados que submergem nas memórias do período, tais como a democracia, o socialismo, o humor, a utopia e o cooperativismo, além de outras ferramentas de contestação no plano simbólico.

22

### Referências

AQUINO, Maria Aparecida de. **Censura, imprensa e Estado Autoritário (1968-1978): o exercício cotidiano da dominação e da resistência: O Estado de São Paulo e Movimento**. Bauru: EDUSC, 1999.

ALBUQUERQUE, Afonso de; ROXO, Marco Antonio. **Preparados, leais e disciplinados: os jornalistas comunistas e a adaptação do modelo de jornalismo americano no Brasil**. E-Compós, v. 9, 26 jun. 2007.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2015.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 12.ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Tradução: Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

BOURDIEU, Pierre, WACQUANT, Loïc. **Una invitación a la sociología reflexiva**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2008.

CARDOSO DE MELLO, João Manuel, NOVAIS, Fernando A. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). **História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

FARO, José Salvador. **Revista Realidade**, 1966-1968: Tempo da reportagem na imprensa brasileira. Porto Alegre: Ulbra/AGE, 1999.

FICO, Carlos. **História do Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Contexto, 2015.

FIGARO, Roseli. (Org). **As relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia**. São Paulo: ECA-USP, 2018.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução: Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2006.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários: no tempo da imprensa alternativa**. São Paulo: Scritta, 2018.

NAPOLITANO, Marcos. **1964: História do Regime Militar Brasileiro**. São Paulo: Editora Contexto, 2018, 365p.

PEDRO NETO, Leopoldo. **Construção do ethos jornalístico de resistência na imprensa alternativa durante a ditadura militar brasileira: estudo dos depoimentos do projeto Resistir é Preciso**. 2020. 254 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2020.

PEDRO NETO, Leopoldo. Embates entre contracultura e socialismo: disputas simbólicas na imprensa alternativa brasileira durante a ditadura militar. **Revista Alterjor**, [S. l.], v. 26, n. 2, p. 123-137, 2022.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. Revisando os conceitos de comunicação popular, Alternativa e Comunitária. In: **XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Brasília: 2006. Acesso em: 20 de dez. 2019.

RESISTIR é Preciso: São Paulo, 2011. Disponível em: <<https://resistirepreciso.org.br>>. Acesso em: 4 de mar. de 2020.

SILVA, Marcos Paulo da; PEDRO NETO, Leopoldo. Jornalismo, socialismo e humor: lugares e saberes de Raimundo Pereira e Zivaldo na imprensa alternativa brasileira durante a ditadura militar. **Triade: Comunicação, Cultura e Mídia**, Sorocaba, SP, v. 9, n. 21, p. 123–149, 2021.

*Depoimentos*

ALVES PINTO, Zivaldo. Zivaldo Integra. [Entrevista concedida a] Ricardo Carvalho. **Instituto Vladimir Herzog**, São Paulo, 2010.

BARROS FILHO, Omar de. Omar Matico. [Entrevista concedida a] Ricardo Carvalho. **Instituto Vladimir Herzog**, São Paulo, 2010.

BONES, Elmar. Elmar Bones. [Entrevista concedida a] Ricardo Carvalho. **Instituto Vladimir Herzog**, São Paulo, 2010.

KEHL, Maria Rita. Maria Rita Kehl. [Entrevista concedida a] Ricardo Carvalho. **Instituto Vladimir Herzog**, São Paulo, 2010.

KUCINSKI, Bernardo. Bernardo Kucinski. [Entrevista concedida a] Ricardo Carvalho. **Instituto Vladimir Herzog**, São Paulo, 2010.

PEREIRA, Raimundo. Raimundo Pereira. [Entrevista concedida a] Ricardo Carvalho. **Instituto Vladimir Herzog**, São Paulo, 2010.

**Submissão:** 18 de jan. 2022

**Aceite:** 7 de mar. 2023.